

# FATORES QUE AFETAM A CARREIRA ESPORTIVA DE ALTO RENDIMENTO DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA

## *FACTORS AFFECTING HIGH-PERFORMANCE SPORTS CAREERS OF ATHLETES WITH DISABILITY: A CRITICAL ANALYSIS*

Eliane Mauerberg-deCastro

*Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, SP, Brasil*

Gabriella Andreta Figueiredo

*Universidade São Paulo – USP, Ribeirão Preto, SP, Brasil*

Thayná Cristina Parsanezi Iasi

Tiago Andries Cornelus Molenkamp Geluk

Leandro Bagatini

*Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, SP, Brasil*

**RESUMO:** O presente estudo analisa o processo de transição na carreira de atletas com deficiência que conseguiram o status de elite no esporte de alto rendimento. Em particular, discutimos eventos críticos (e.g., convivência com lesões e processos dolorosos da adaptação na reabilitação) que acompanham o período ativo da carreira do alto rendimento até a aposentadoria desses atletas. Algumas causas comuns para o encerramento da carreira atlética podem ser comparáveis com a carreira do atleta não deficiente e elas estão relacionadas ao avanço da idade, escolha pessoal, diminuição no rendimento, e eventos involuntários como o surgimento de lesões que podem interromper prematuramente a atividade atlética. A ausência compreensiva de dados epidemiológicos tanto sobre incidências de lesões como o volume de atletas veteranos que deixou o esporte adaptado coloca restrições pessoais e institucionais no que se refere a planejamento na carreira e mecanismos de prevenção e solução de problemas ligados ao alto rendimento. A valorização da prática do esporte adaptado é realidade no campo da reabilitação e na sociedade em geral que, nos últimos anos, reconhece e celebra seus heróis Paralímpicos pelas suas excelências atléticas nos poucos eventos mundiais como os Jogos Paralímpicos. Porém, instituições por detrás do esporte adaptado e envolvidas direta ou indiretamente com eventos esportivos estão longe de materializar estratégias efetivas em seus programas institucionais que garantam segurança, qualidade de vida, saúde e realização pessoal que abranja toda a carreira atlética e após a saída do esporte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jogos Paralímpicos. Esporte Adaptado. Lesões Esportivas. Aposentadoria.

**ABSTRACT:** The present study analyzes the process of transitioning from the practice of sport in the career of elite athletes with disabilities. In particular, we discuss critical events (e.g., living with injuries and painful processes of adaptation in rehabilitation) that accompany elite athletes' active-period careers and after retirement. Some causes for these athletes to end their careers are comparable to those of nondisabled athletes, which include aging, personal choice, loss of sponsorship, and involuntary events such as developing sports lesions that prematurely interrupt athletic activity. The absence of comprehensive epidemiological empirical data on incidence of sport injuries, as well as on the number of athletes who have terminated their sports careers, constrains athletes' ability to plan their careers and to develop mechanisms to help solve problems connected to high-performance athletics. The positive effects of disability sport are widely acknowledged in the field of rehabilitation and by society in general, who, in recent years, have recognized disabled athletes as heroes in the relatively few worldwide events such as the Paralympic Games. However, many of the institutions behind adapted sports and involved directly or indirectly with sporting events are far from recognizing the need for developing and implementing effective strategies in their institutional programs to ensure safety, quality of life, and health and personal fulfillment that span not only athletes' careers, but their lives after they leave their sport.

**KEYWORDS:** Paralympic Games. Disability Sports. Sports Injuries. Retirement.

### INTRODUÇÃO

No mundo do esporte, quando atletas atingem a fase do alto rendimento eles enfrentam constantes demandas de esforço máximo nos limites de suas capacidades fisiológicas e psicológicas. Esses atletas também são expostos aos riscos de lesões que interrompem ciclos competitivos ou, pior, levam ao prematuro encerramento da carreira atlética. Atletas com deficiência são expostos a esses mesmos

fatores, porém, integram os problemas decorrentes do desconhecimento da resposta adaptativa da condição da deficiência aos efeitos do treinamento esportivo. Embora a associação entre reabilitação e esporte seja positiva enquanto recuperação funcional, atletas que ascendem rapidamente no esporte têm que conviver com os processos negativos da sobrecarga de treinamento impostos a um organismo, simultaneamente integra o fator deficiência em constante

adaptação. A alta carga de treinamento diário pode induzir o atleta ao estresse e acarretar lesões traumáticas secundárias à deficiência. O reduzido número de atletas com deficiência de alto nível e a grande diversidade de tipos de deficiência dificulta estudar o processo de adaptação à diversidade de demandas dos regimes de treinamento e do mundo das competições. Como comumente eventos de competições são distribuídos em um calendário bastante extenso entre um ciclo e outro, a experiência tática do atleta e as trocas com seus pares oponentes ficam limitadas a esses momentos (Barros, 1993; Brazuna & Mauerberg-deCastro, 2001). É possível que essas restrições também afetem a forma como o atleta responde física e psicologicamente durante eventos competitivos. Um problema para aqueles envolvidos com os programas de treinamento no esporte adaptado<sup>1</sup> é preservar a saúde do atleta com deficiência e garantir que os benefícios do esporte se estendam ao processo de reabilitação durante toda a carreira do atleta, da iniciação, ascensão e transição para a aposentadoria do esporte.

Assim como o processo de ascensão do atleta com deficiência é pouco estudado, a dinâmica biopsicossocial das lesões esportivas e os fatores que promovem o término (prematuro ou não) da carreira esportiva representam um mistério para áreas acadêmicas e de treinamento esportivo. Estudos iniciais interessados sobre a transição para a aposentadoria do atleta com deficiência apareceram na década de 1980-1990 (Martin & Mushett, 1996; Power, Hershenson, & Schlossberg, 1985; Wheeler, Malone, VanVlack, Nelson, & Steadward, 1996; Wheeler et al., 1999). Enquanto modelos teóricos que surgiram para compreender o processo de transição do atleta de elite sem deficiência foram centrados em teorias sociais, tanatologia, gerontologia (Marthinus, 2007; Stambulova, 1994; Wheeler et al., 1996), proposições conceituais sobre a carreira do atleta com deficiência resumem narrativas sob a ótica de teorias críticas e de direitos humanos (Smith, Bundon, & Best, 2016). No caso do esporte convencional, transição na carreira implica recrutamento de responsabilidades das instituições sociais (ex., família, organizações governamentais, clubes, etc.) com ênfase em planejamento com o propósito de prevenir desde o desgaste do atleta (De Bosscher, Bingham, Shibli, van Bottenburg, & De Knop, 2008; Thomas & Ermler, 1988) até evitar consequências como depressão clínica ou mesmo o suicídio (Backman, Kaprio, Kujala, & Sarna, 2000). Porém, a transição na carreira do atleta com deficiência ainda é um evento solitário e marcado pelo engajamento altruísta e solidário de amigos e da família.

Como no esporte convencional, reconhecemos que a transição no esporte para deficientes representa uma importante mudança no estilo de vida e requer uma adaptação em âmbitos social e profissional. Atletas sem deficiência em geral deixam a carreira esportiva por causa do

<sup>1</sup> Neste artigo, nós utilizamos o termo “esporte adaptado” por causa do seu amplo uso no Brasil, porém no cenário internacional o termo *disability sport* (“esporte praticado por pessoas com deficiência”) é o termo oficialmente reconhecido pelas organizações esportivas. Portanto, para efeitos práticos e de compreensão do leitor, ambos os termos são aqui entendidos como equivalentes.

avanço da idade, queda natural do rendimento, escolha por outra atividade profissional ou, involuntariamente, quando o surgimento de lesões leva a condições incapacitantes do desempenho atlético (Wheeler et al., 1996). Atletas não deficientes também podem ser forçados a deixar o esporte por fatores econômicos como a perda de patrocinadores. A carreira de ambos, atletas com e sem deficiência, tem elementos convergentes e divergentes, da entrada à saída do esporte.

A descrição de Stambulova (1994) sobre elementos envolvendo a transição na carreira esportiva de atletas do esporte convencional inclui: 1) número de anos dedicados ao esporte; 2) experiência e volume de participação em eventos esportivos; 3) *status* alcançado no esporte (ex., records, títulos, medalhas) e vantagens socioeconômicas (ex., patrocínios, fama); e, 4) investimento na carreira com custos financeiros e sacrifícios pessoais que podem incluir afastamento da família, amigos e tempo livre. Embora estes elementos sejam objetivos e mensuráveis, existem variáveis não quantificáveis que quase sempre determinam a transição de carreira pelo atleta.

Atletas com deficiência dificilmente planejam a entrada no esporte adaptado uma vez que muitas condições de deficiência acontecem de forma acidental em qualquer idade. O curioso é que a ascensão desses atletas para níveis de alto rendimento é rápida, chegando a competições de nível internacional em menos de dois anos (Brazuna & Mauerberg-deCastro, 2001). Quanto à experiência e ao volume de participações no esporte, infelizmente para muitos atletas as oportunidades com eventos são poucas e, no nível internacional, muitos atletas simplesmente não conseguem meios econômicos para atender as competições. Assim mesmo, desde 1992 (primeiro evento Paralímpico coordenado com o *Internacional Paralympic Committee*, IPC) até 2016, houve um aumento de 30% no número de atletas participantes dos Jogos (IPC, 2016). Enquanto *status* no esporte pode ser uma possibilidade otimista com medalhas e resultados, o cenário internacional é bastante contrastante entre os poucos países com bons resultados e os demais (Guan & Hong, 2016; Mauerberg-deCastro, Campbell, & Tavares, 2016). Como poucos atletas captam recursos financeiros para manter sua dedicação exclusiva no esporte, investimentos quase sempre são do próprio bolso ou de suas famílias.

Park, Lavallee, e Tod (2013) realizaram uma análise sistemática da literatura sobre o assunto e concluíram que duas classes de variáveis determinam o sucesso ou insucesso na transição da carreira do atleta de elite sem deficiência: autoidentidade e apoio social. A importância desses estudos, segundo os autores, reflete de um lado, direção nas pesquisas sobre o papel do atleta em tomadas de decisão sobre a própria carreira (ex., preditores psicológicos) e, de outro, orientação aos profissionais e instituições sobre sistemas de apoio. Além de variáveis psicológicas, emocionais e sociais, existem inúmeras consequências físicas decorrentes ou associadas à transição para a aposentadoria no esporte.

O aumento de atletas com deficiência participando em diferentes esportes ao redor do mundo confirma, em

grande medida, o sucesso nas propostas de recrutamento por instituições como o Comitê Paralímpico Internacional ou mesmo através dos documentos de inclusão aprovados pelas Nações Unidas. Porém, o conhecimento dos processos tanto em torno da entrada e ascensão na elite desportiva como da transição para a aposentadoria baseado num paralelo entre o esporte convencional e o esporte adaptado pode ter pouca utilidade na análise de fatores que afetam a qualidade de vida do atleta deficiente.

O presente estudo propõe uma análise crítica do processo de transição na carreira de atletas com deficiência, em particular aqueles que fazem parte da elite Paralímpica, apontando eventos críticos (e.g., convivência com lesões e processos dolorosos da adaptação na reabilitação) que acompanham o período ativo da carreira do alto rendimento até a sua aposentadoria.

Desde a era quando profissionais da reabilitação inseriram o esporte e o exercício no período pós-guerras nos anos 1940 até os dias de hoje quando uma elite de atletas ganhou visibilidade e autonomia em exclusivos eventos esportivos mundiais, culturas inteiras vêm testemunhando um novo conceito de *esporte espetáculo* - sem fronteiras geográficas ou pessoais. Porém, pesquisadores, profissionais do esporte e, especialmente, os atletas ainda desconhecem os complexos processos de longo prazo que os afetam durante e depois da transição na carreira atlética quanto aos aspectos da saúde, da reabilitação, da identidade, da autonomia econômica, e dos vínculos institucionais esportivos (Weiler, Van Mechelen, Fuller, & Verhagen, 2016).

#### A CARREIRA DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA NO ESPORTE ADAPTADO DE ELITE

Segundo Johnson, Mushett, Richter, e Peacock (2004), programas de exercício e, em especial, o treinamento esportivo trazem benefícios aos indivíduos com deficiência da mesma forma que para qualquer pessoa. Esses benefícios incluem: a) benefícios físicos: aptidão geral, condicionamento cardiovascular, resistência cardiorrespiratória, força muscular, flexibilidade, controle postural, equilíbrio, adaptação às deficiências, readaptação musculoesquelética; e, b) benefícios psicológicos: melhor motivação, autoconfiança e autoestima, ajustamento pessoal, espírito competitivo, redução da ansiedade e proteção contra a tendência ao isolamento.

Em um estudo realizado por Mahl, Bruniera, e Costa (2014), atletas com deficiência declararam que a inserção no esporte forneceu maiores oportunidades para sair com mais frequência de suas residências, minimizando a timidez e receios em frequentar novos ambientes, como espaços de lazer e comércios, vivenciando outras pessoas. Além disso, os participantes notaram a maneira diferenciada de como a sociedade “olha” os atletas com deficiência.

Palla (1997) investigou as atitudes de deficientes físicos frente ao esporte e comparou com as atitudes dos indivíduos não deficientes. Para ambos, a participação no esporte leva à percepção de que estar envolvido em equipe

melhora o status social do indivíduo e estimula mecanismos de alívio das tensões. É também uma fonte de lazer que valoriza o indivíduo, amplia a criatividade e melhora a imagem corporal. O tempo de prática no esporte e o grau de escolaridade do atleta permitem o reconhecimento cognitivo desses benefícios e, numa perspectiva comportamental, diminuem a preocupação com a vulnerabilidade associada com sequelas da deficiência. Mas existem particularidades nas deficiências (e.g., amputações, paralisias, etc.) que integram benefícios adaptativos específicos a partir do envolvimento com o treinamento. Muitos são positivos, outros desconhecidos em seus processos adaptativos.

Ao optar pelo contexto do alto rendimento, o indivíduo com deficiência precisa percorrer um longo caminho de adequação ao treinamento que tem início na fase de reabilitação e treinamento técnico, até que esteja apto a participar de eventos competitivos. Das grandes conquistas até o término de sua carreira, essa jornada pode estar repleta de desafios. Alguns relacionados a questões financeiras, más condições de treinamento, ausência de apoio multidisciplinar na área da saúde e médico, e outros associados a restrições sociais e políticas como preconceito e falta de acessibilidade. Alguns desafios encontrados pelos atletas Paralímpicos são similares aos enfrentados por outros atletas de alto rendimento, tais como a restrita oferta de oportunidades, dificuldade de acesso à alta tecnologia do esporte, visibilidade na mídia e patrocínio, lesões esportivas, valores éticos e doping, e a aposentadoria (Mauerberg-deCastro et al., 2016).

O problema no cenário do esporte adaptado é que as instituições públicas, instituições não governamentais e o setor privado estão longe de materializar um sistema de políticas públicas realistas e democráticas que resultem em soluções práticas a esses inúmeros desafios. Quanto aos profissionais que atuam neste setor (e.g., treinadores, técnicos, administradores do esporte, classificadores, entre outros), frequentemente suas práticas ainda refletem o empirismo, improvisação e distância do conhecimento científico. As pesquisas também estão devendo respostas sobre inúmeros assuntos na área do esporte adaptado (Jefferies, Gallagher, & Dunne, 2012).

Apesar de uma significativa porção dos 15% de pessoas com deficiência no mundo estar engajada em atividades ligadas ao esporte, barreiras à participação e lesões esportivas impõe enorme impacto na vida do atleta ou praticante do esporte. Weiler et al. (2016), analisando resultados de uma meta análise sobre atletas com deficiência, concluíram que existe uma enorme diferença na definição de lesão esportiva, mas que, infelizmente, baseia-se em eventos de curtas competições, restringindo sua generalização. Os dados coletados nos estudos selecionados resultam de análises feitas de contatos mínimos com atletas, inclusive sem aprofundamento da gravidade da lesão. Esta situação impede a construção de um modelo de prevenção de lesões. Uma dúvida frequente na associação lesão e esporte adaptado é a exposição voluntária do atleta a fatores de risco à sua saúde (e.g., supertreinamento, automedicação, suplementação nutricional, doping, etc.) por conta da sua experiência com superação. Assim, não existem evidências

epidemiológicas sobre o impacto das lesões esportivas na vida do atleta com deficiência ao longo da carreira.

A inserção da pessoa com deficiência no esporte adaptado representa uma competição do atleta contra si, suas impossibilidades na vida diária, desconforto físico e dor, e contra as limitações traçadas pela sociedade. Quando inserido no esporte, o atleta vence barreiras, o que promove a melhoria de sua autoestima e imagem corporal e faz com que se sinta possibilitado a buscar seu desempenho máximo apesar de todos os desafios encontrados (Brazuna & Mauerberg-deCastro, 2001). Desafios na vida do indivíduo com deficiência são rotinas extremas que o mesmo enfrenta para preservar sua própria sobrevivência, e essas rotinas são também parte do esporte.

A tolerância às demandas de intenso exercício ou atividade física vigorosa por homens com deficiência podem, segundo Kleiber e Hutchinson (1999), significar uma forma de compensação à percepção de masculinidade por aqueles que entraram na condição de deficiência física, em particular a lesão de cordão espinhal. Os autores, utilizando o método de narrativas, inferem o “compulsivo guerreiro” tentando compensar o trauma da deficiência, o que ilustra bem a concepção do “se dói, está funcionando.” A metáfora da cultura do “herói” sobrevivente, vitorioso na batalha contra a doença ou os limites do próprio corpo reflete estereótipos de uma sociedade que valoriza o homem infalível, agressivo e dominador. Muitos atletas com lesão do cordão espinhal refletem esta crença ao se engajarem em esportes de alto nível de agressividade, como o rúgbi em cadeira de rodas. O modelo de “sobrevivente” também influencia mulheres atletas.

A convivência com dor e hábitos de superação são situações familiares às pessoas com deficiência e atletas de elite que podem manter uma disciplina de tolerância à dor por simples crença de que o sofrimento trás compensações no desempenho físico. Este cenário pode mascarar a gradual instalação de deficiências secundárias (e.g., artroses, deformidades ortopédicas, escaras, etc.) por conta de crônicas condições de lesões. Não é somente a atitude de tolerância ao sofrimento desses atletas que mascara a possibilidade de agravamento de condições de saúde, mas a falta de conhecimento sobre as mudanças que ocorrem no próprio organismo, inabilidade de detectar as lesões por conta de áreas paralisadas, deficiência visual, dificuldades coordenativas, entre outras. Por exemplo, no estudo de Curtis e Dillon (1985) sobre a incidência de lesões em 128 atletas com lesão medular usuários de cadeira de rodas, todos relataram sofrer pelo menos uma lesão desde que iniciaram a carreira no esporte. Alguns tinham acumulado até 14 incidências de lesões. Um total de 93 atletas relatou 291 lesões (e.g., tecidos moles, escaras e lacerações da pele) que, na maioria, nunca foram medicamente tratadas.

As necessidades associadas com a preservação da qualidade de vida e saúde do atleta de alto nível e que tem deficiência podem ser ignoradas tanto pelos indivíduos afligidos como pelas instituições as quais eles representam. Condições econômicas, grau de escolarização do atleta,

limitações médicas quanto às formas de tratamento ou prevenção e tecnologia especializada, assim como um sistema social de suporte ao atleta são, todos, fatores limitantes ao esporte como ferramenta de reabilitação. De fato, problemas crônicos decorrentes de lesões repetidas no esporte podem levar a consequências mais graves ao longo do tempo. Atletas que usam cadeiras de rodas podem desenvolver fraqueza e dormência nas mãos, ou síndrome do túnel do carpo, escaras na mão associadas ao ato de empurrar a cadeira de rodas, enfim, traumas constantes que podem reduzir a funcionalidade dos membros superiores e aumentar a incidência de hérnias vertebrais. O problema se torna mais grave quando as lesões ocorrem em regiões afetadas pela deficiência, tais como áreas paralisadas que não têm sensação (Mauerberg-deCastro et al., 2016). Tais condições crônicas podem evoluir em quadros de infecções renais, problemas circulatórios, e até doenças graves no sistema cardiorrespiratório.

Wheeler et al. (1996) encontraram que lesões crônicas, combinadas com falta de sucesso no esporte, estão fortemente associadas com insatisfação na vida pós-esporte em ex-atletas com deficiência. Esse cenário indica o fator lesão como sendo um evento inesperado para a transição no esporte. Raramente preparado para aposentar, o atleta com deficiência enfrenta não apenas o afastamento do esporte em si, mas a ruptura social dentro de uma comunidade muito particular e fechada.

Um aspecto interessante no estudo Survey13 pelo IPC, aplicado nos atletas dos Jogos Paralímpicos de Londres em 2012 e que levantou a incidência de lesões esportivas durante os jogos, foi sua alta incidência em atletas mais velhos. De modo geral, do total de 3.565 atletas de 160 nações, 539 atletas sofreram 633 lesões (i.e., 12,7 lesões para cada mil atletas). Com o predomínio de lesões traumáticas agudas (51%), o futebol de 5 foi o esporte mais vulnerável (Webborn & Emery, 2014).

No mundo do esporte convencional, o fator lesão no esporte é uma realidade para o abandono precoce do esporte de alto rendimento pelo atleta. Na Finlândia, lesão esportiva é o fator mais incidente na saída do atleta de elite do esporte (Ristolainen, Kettunen, Kujala, & Heinonen, 2012).

#### TRANSIÇÃO DO ATLETA DEFICIENTE PARA A APOSENTADORIA

A transição da carreira esportiva, tanto para o atleta Olímpico quanto para o Paralímpico representa uma importante mudança no estilo de vida que resulta em trocas nas suposições sobre si mesmo e o mundo e, portanto, requer um ajuste dos relacionamentos e comportamentos próprios (Wylleman, 1999). Cada estágio da vida do atleta, seja durante a carreira esportiva ou após ela, carrega exigências específicas que alteram as esferas da vida ocupacional, financeira, social e psicológica (Brandão et al., 2000).

Existem fatores de adaptação decisivos nesse processo de mudanças relacionados ao fator empoderamento do atleta

(autoidentidade, percepções de controle, identidade social) e fatores extrínsecos (recursos disponíveis e participação de terceiros e instituições). Muitos atletas, deficientes e não deficientes, negligenciam a importância desta preparação e deixam de pensar em formas de investimento e desligamento dentro e fora da área esportiva (Brandão et al., 2000). Quando existe planejamento, a transição se dá de maneira saudável, mas o rompimento repentino das atividades esportivas pode significar problemas psicológicos e ocupacionais. Esse processo de transição para aposentadoria, quando ocorre de forma indesejada, gera efeitos negativos, como sentimentos de raiva, aflição, inutilidade e tristeza que chegam a levar o atleta passar por depressão, ganho significativo de peso ou anorexia, e até o suicídio (Backman, Kaprio, Kujala, & Sarna, 2000).

O término da carreira não necessariamente deve ser caracterizado como algo negativo que provoca stress e perda de qualidade de vida dos atletas com deficiência. Muitas vezes o afastamento das competições pode trazer um sentimento de “missão cumprida” e de mérito pessoal, acompanhado pela oportunidade de descanso e de se ocupar em outras atividades. A qualidade da adaptação para transição de carreira depende do passo anterior ao processo de retirada do esporte, de modo que o planejamento para transição na carreira esportiva pode incluir continuidade de educação, atividade ocupacional, investimentos e trabalho social. Porém, é preciso ressaltar que estressores financeiros, sociais, psicológicos ou físicos podem aparecer e gerar um novo desafio a ser vencido pelo atleta (Brandão et al., 2000).

Marques e Samulski (2009) observaram que muitos atletas não deficientes aposentados exibem alto nível de dependência financeira da família. Ainda, Oliveira, Polidoro, e Simões, 2003 ao investigar atletas do voleibol feminino da seleção brasileira descobriram que 100% delas não planejaram sua aposentadoria. Neste estudo, algumas atletas relataram intenção em voltar a estudar, outras em montar o próprio negócio, e 30% não fizeram nenhum tipo de investimento ou plano para o futuro. Este achado é, em parte, devido ao fato da idade jovem das atletas.

Uma pesquisa realizada por Stambulova (1997) revelou que, após o término da carreira esportiva, 82% dos atletas (sem deficiência) buscam uma nova atividade relacionada ao esporte, e mesmo quando não se efetivam profissionais, procuram manter-se em contato com técnicos (37%) e com outros ex-atletas (68%). Atletas que optam em dar continuidade a estudos profissionais em outras áreas relatam dificuldades no exercício das novas atividades, como fadiga psicológica, falta de conteúdos da educação básica e ausência de hábito de concentração em trabalho intelectual (Stambulova, 1997).

Os impactos gerados na vida dos atletas com deficiência ainda são pouco esclarecidos, mas é possível prever uma intensa modificação de sua rotina física e emocional devido à interrupção dos treinos diários, e um declínio em sua condição social e relacional pelo afastamento do grupo em que estava inserido e das competições esportivas (Brazuna & Mauerberg-deCastro, 2001). Poucos atletas estão preparados para se afastar

das grandes competições, das horas de treinamento, da vida de ser uma atleta de alto rendimento e voltar a se reconhecer apenas como um indivíduo que pratica esporte por lazer, ou até mesmo não pratica mais atividade física. A aposentadoria pode significar o rompimento com aquilo que pode se dizer mais valioso para o atleta: o mérito e a notoriedade esportiva. Assim, atletas com deficiência podem permanecer na ativa até idades avançadas e, em algumas modalidades classes funcionais, essa permanência pode ser mais notável em decorrência da baixa renovação de atletas de alto rendimento (e.g., goalball, judo, bocha e algumas classes funcionais do atletismo e da natação). Atletas veteranos podem, por exemplo, comparecer em vários ciclos Paralímpicos, demonstrando um compromisso com a elite esportiva por décadas (Mauerberg-deCastro et al., 2016).

No Brasil, a elite de atletas Paralímpicos tornou-se veterana. Por exemplo, a participação de atletas de elite brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1984 marcou o início de uma nova geração de atletas que retornou aos jogos em 1988 (aproximadamente 16%). Em 2008 e 2012, quase 28% do total de participantes eram veteranos brasileiros (Mauerberg-deCastro et al., 2016).

Por que atletas com deficiência permanecem no esporte até idades avançadas? Uma resposta frequente é que o engajamento com o esporte como contínua rotina de reabilitação funcional trás benefícios à saúde física e mental e é uma forma de se preservar a identidade de atleta—invéz de deficiente. É possível que atletas com deficiência ao incorporar o estilo de vida atlético como alternativa de sobrevivência desde o início da carreira mantenham algum tipo de tolerância aos efeitos de lesões associadas ao intenso treinamento ou ao esporte, especialmente ao atingir o status de elite.

#### **APOSENTADORIA COM DIGNIDADE NO ESPORTE ADAPTADO: ALGUMA SOLUÇÃO À VISTA?**

A literatura oferece raras informações quanto a estratégias e aconselhamentos que podem ser utilizados antes e após a transição da carreira esportiva de atletas com deficiência (Jefferies et al., 2012; Martin & Mushett, 1996; Mauerberg-deCastro et al., 2016; Wheeler et al., 1996, 1999). Alguns autores consideram as terapias tradicionais como possíveis métodos de intervenção que auxiliam no ajustamento de atletas-baseado no ajustamento de atletas não deficientes-nesse período transitório, incluindo terapias tradicionais para eliminação do stress, reestruturação cognitiva e expressão emocional (Brandão et al., 2000; Wheeler et al., 1996). Os atletas devem alterar suas percepções e estabelecer sua identidade própria e social, de modo que sejam capazes de reestruturar cognitivamente seus ideais e garantir cuidados com a saúde. O suporte familiar, de amigos, militância em movimentos de direitos das pessoas com deficiência, envolvimento com associações esportivas e convivência com outros atletas podem facilitar essa transição.

O suporte social e um planejamento pré-aposentadoria para preparar atletas a administrar a transição

de carreira têm apresentado resultados positivos. Muitos programas para atletas do esporte convencional, que incluem workshops, seminários, módulos educacionais e aconselhamento individual, têm sido iniciados nos Estados Unidos, Canadá, Europa e Austrália. Esses programas estão direcionados a aspectos sociais; aspectos de autoimagem, autoestima e participação em atividades de lazer; aspectos relacionados a habilidades pessoais como educação e planejamento financeiro; aspectos necessários para procurar emprego; e aspectos físicos e psicológicos da aposentadoria esportiva. Entre eles estão: Athlete Career and Education Program (Austrália); British Athlete Lifestyle Assessment Needs in Career and Education (BALANCE) Program (Inglaterra); Career Assistance Program for Athletes (EUA); Olympic Athlete Career (Canadá) (Brandão et al., 2000).

Uma vez que atletas com deficiência conseguem maior longevidade no esporte e participam, na maioria das vezes, em mais de um evento dos Jogos Paralímpicos durante sua carreira, é de suma importância que haja programas de acompanhamento médico, psicológico e social desses atletas após sua retirada do esporte. O judoca brasileiro Antônio Tenório que já participou de seis Jogos Paralímpicos conquistou medalhas em todas suas competições, incluindo a medalha de ouro conquistada no Rio de Janeiro em 2016. A velocista Adria dos Santos é outro exemplo de atleta veterana representando o Brasil que competiu em cinco Jogos Paralímpicos. Para reduzir os impactos na transição dos atletas brasileiros, em abril de 2015, o Ministério do Esporte reativou a Comissão Nacional de Atletas (CNA) e a vice-presidente da Comissão, Hortência, ressaltou as preocupações que o Comitê Olímpico e Comitê Paralímpico, e o Ministério do Esporte precisam ter em relação aos atletas que se encontram em transição de carreira (Brasil, 2015).

Porém, no Brasil até o ano de 2014 nenhuma ação foi materializada em relação ao suporte ao atleta com deficiência que encerrava a sua carreira esportiva. Em 2014 o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) implantou uma proposta de desenvolvimento da excelência na formação do atleta (CPB, 2016). O programa do CPB de transição de carreira tem o objetivo de possibilitar aos seus atletas Paralímpicos com a oportunidade de formação e capacitação durante e após sua vida esportiva. O programa apoia o atleta proporcionando orientação vocacional de modo que a capacitação seja ofertada de acordo com seu perfil. O atleta também pode participar de um processo de mentoria, aconselhamento e planejamento de carreira. Essas ações são viabilizadas através de parcerias com empresas e órgãos não governamentais com seus profissionais atuando de forma voluntária. A maioria das ações possibilitam cursos universitários de graduação, cursos de inglês e cursos profissionalizantes. Entretanto, para o atleta ser elegível a esse programa é obrigatória a sua participação na delegação Paralímpica brasileira em pelo menos um dos Jogos Paralímpicos entre Atlanta (1996) e Rio (2016) (CPB, 2016). Infelizmente, aqueles atletas que não chegaram ao nível internacional Paralímpico não têm acesso a um sistema de orientação e, muito menos, apoio, após a transição para a aposentadoria.

Como dissemos antes, as necessidades do atleta com deficiência não podem ser comparadas às necessidades do atleta não deficiente. Um ponto essencial de distinção está na estrutura e funcionamento do esporte convencional e do esporte para deficientes. A realidade socioeconômica da maioria de pessoas com deficiência, mesmo em países do primeiro mundo, representa pobreza e afastamento de oportunidades profissionais. O esporte convencional reflete uma indústria multimilionária do entretenimento onde atletas de elite são coadjuvantes das oportunidades de investimento de empresas e clubes. Durante os eventos de competição, o esporte assume o papel de mercadoria no mundo capitalista, que estimula o giro de capital e obtenção de lucros (Marques, Duarte, Gutierrez, Almeida, & Miranda, 2009). Mesmo no caso de grandes eventos como os Jogos Paralímpicos, existe uma interface com o modelo do “esporte mercadoria” que pode ser vendida (logomarcas, sistemas de comunicação com dedicação na transmissão e oportunidades de propaganda, comércio de *merchandise* e *souvenirs* nas arenas dos eventos, etc.). Mas empresas que mostram suas ações nos eventos esportivos para deficientes não têm noção da real filosofia e valores Paralímpicos, por isso os atletas com deficiência não são seus parceiros diretos ou sequer se beneficiam economicamente, com algumas exceções (sem paralelo com os atletas estrelas do esporte profissional).

O esporte para deficientes depende da ação de voluntários e reflete investimentos filantrópicos e ações sociais sustentadas por organizações governamentais, por força da lei ou por incentivo de projetos sociais (Mauerberg-deCastro et al., 2016). O modelo do esporte para deficientes torna-se uma missão social. Neste modelo, atletas com deficiência desenvolvem uma orientação de *ativistas* onde comportamentos não convencionais e crenças refletem a necessidade de contribuir para uma sociedade melhor (Smith, Bundon, & Best, 2016).

Uma questão que emerge nesta crítica é a possibilidade de um natural desinteresse no entendimento das complexas necessidades no esporte adaptado e seus atletas, pois não existe uma explícita “pegada” econômica que motive o investimento financeiro pelos setores empresariais ou de uma sociedade acostumada a pagar pelo consumo de coisas familiares. O esporte espetacular é mercadoria familiar com alta demanda econômica, e milhares de pessoas sem qualquer experiência em prática esportiva estão prontas para pagar por seus produtos (e.g., temporadas inteiras de jogos, *merchandise*, *souvenirs*, e até mesmo a imagem de seus heróis). O problema com o esporte adaptado é que muitas modalidades são ainda desconhecidas da maioria e os ciclos competitivos mais importantes estão intervalados por período muitos extensos, como é o caso do maior evento esportivo adaptado do mundo, os Jogos Paralímpicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento da participação de atletas com deficiência em diferentes esportes, tanto no Brasil quanto ao redor do mundo, sugere que as situações de engajamento assim como a de afastamento são casos de igual importância, e requerem

atenção prioritária das instituições do esporte adaptado. O melhor conhecimento das necessidades do atleta com deficiência pode auxiliar na valorização e expansão do esporte competitivo de alto rendimento, não apenas em recordes e posição classificatória em eventos mundiais. Democratização e disseminação do conhecimento científico sobre o atleta com deficiência de alto rendimento podem melhorar as chances de desempenho de excelência com segurança daqueles atletas de nações que destoam em seus resultados. Podem, ainda, atrair um maior número de atletas participantes em futuros jogos, aumentando o interesse e oportunidade de eventos em nível nacional e internacional, além dos Jogos Paralímpicos. Podem, finalmente, garantir carreiras atléticas com segurança, longevidade e saúde em seu processo amplo, de longo prazo, inclusive após a transição para a aposentadoria.

A tradição institucional em torno do esporte adaptado no mundo inteiro vem associada com ações humanitárias de organizações internacionais e à militância de uns poucos líderes com deficiência que vivenciaram por si próprios violações aos direitos humanos (Guan & Hong, 2016). Porém, a complexidade do esporte adaptado e seu atleta coloca o cenário do engajamento e saída do esporte numa situação de mistério, especialmente do ponto de vista epidemiológico. Avanços biomédicos e tecnológicos a serviço do atleta com deficiência são realidades que deram o tom espetáculo ao esporte por uns poucos extraordinários atletas. Mas o resto, espalhado por regiões distantes ao redor do mundo, são os futuros atletas com deficiência que “esperam sua vez.” Esta “espera” é metafórica, pois, alheios aos recursos e oportunidades alocados em instituições (raras e centralizadas geograficamente), esses futuros atletas irão improvisar, sofrer desnecessariamente a imposições de programas de treinamento por indivíduos amadores (não deficientes) bem intencionados, acumular lesões por esforço repetido e por inadequação biomecânica em seus equipamentos esportivos mal adaptados, e, em muitos casos, esses mesmos futuros atletas irão abandonar o esporte involuntariamente antes mesmo de mostrarem seu talento.

O modelo de esporte de alto rendimento depende de ações educacionais de base (esporte para todos) para atender uma comunidade que precisa do exercício físico para reabilitar. As instituições governamentais e não governamentais encarregadas do esporte adaptado saúdam e apoiam o atleta talento que, quase sempre, precisa mostrar excelência antes mesmo de receber investimentos financeiros e técnicos para melhorar e continuar sua carreira.

O modelo privado do esporte *empresa*, esporte *entretenimento* não está disponível a esta classe de atletas, exceto com iniciativas filantrópicas (e.g., patrocínios e verbas) para melhorar socialmente a imagem empresarial. A elite de atletas não deficientes provavelmente nunca irá se preocupar com seu futuro após a aposentadoria, pois recursos de milionários contratados (se eficientemente gerenciados) na fase de resultados atléticos garantem a qualidade de vida futura. A elite de atletas com deficiência quando deixar o esporte—seja por escolha ou por eventos involuntários como lesões—, mais cedo ou mais tarde, será

esquecida e deixada à própria sorte. Mesmo com programas institucionais audaciosos e bem intencionados, ainda estamos aguardando resultados de longo prazo com uma comunidade ampla e diversa, e não apenas com programas que dediquem esforços a umas poucas personalidades Paralímpicas.

Mais importante, líderes, atletas, profissionais do esporte com deficiência precisam ser parte significativa na existência do mundo do esporte adaptado ou esporte Paralímpico. Ainda, em parceria com pessoas sem deficiência, líderes e administradores com deficiência podem encontrar soluções aos complexos problemas da associação *esporte e deficiência* que devem ser almeçadas com assertividade e não de forma paternalista. O empoderamento do atleta com deficiência depende também do empoderamento das instituições do esporte (adaptado ou não) governadas por pessoas com deficiência, parafraseando Charlton e colegas “Nothing about us without us” (Charlton, 1998).

## REFERÊNCIAS

- Bäckmand, H., Kaprio, J., Kujala, U., & Sarna, S. (2001). Personality and mood of former elite male athletes—a descriptive study. *International journal of sports medicine*, 22(3), 215-221.
- Barros, J.M.C. (1993). Recursos humanos no esporte de alto nível. Anais: *Simpósio esporte: dimensões sociológicas e políticas*, E.F.E. USP,143-5.
- Brandão, M.R.F., Akel, M.C., do Amaral Andrade, S., Guiselini, M. A. N., de Andrade Martini, L., & Nastás, M. A. (2000). Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 8(1), 49-58.
- Brasil, (2015). Logo após tomar posse, Comissão Nacional de Atletas promove primeira reunião. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/logo-apos-tomar-posse-comissao-nacional-de-atletas-promove-primeira-reuniao>. Acesso em: 20 ago. 2016.
- Brazuna, M.R., & Mauerberg-deCastro, E. (2001). A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. *Motriz*, 7(2), 115-123.
- Charlton, J. I. (1998). Nothing about us without us: Disability oppression and empowerment. University of California Press. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=ohqff8DBt9gC&lpg=PA3&pg=PA3#v=onepage&q&f=false> (acesso em 22 de junho, 2010).
- Comitê Paralímpico Brasileiro. Competições e Eventos. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/web/guest/calendario-de-eventos>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- Curtis, K.A., Dillon, D.A. (1985). Survey of wheelchair athletic injuries: common patterns and prevention. *Paraplegia*, 23,170-175.
- De Bosscher, V., Bingham, J., & Shibli, S. (2008). The global sporting arms race: An international comparative study on sports policy factors leading to international sporting success. Oxford: Meyer & Meyer Sports (UK).
- Guan, Z., & Hong, F. (2016). The Development of Elite Disability Sport in China: A Critical Review. *The International Journal of the History of Sport*, 1-26.

- IPC (2016). International Paralympic Comittee. The IPC - Who we are. 20--. Disponível em: <https://www.paralympic.org/the-ipc/history-of-the-movement>. Acesso em 15 ago. 2016.
- Jefferies, P., Gallagher, P., & Dunne, S. (2012). The Paralympic athlete: a systematic review of the psychosocial literature. *Prosthetics and orthotics international*, 36(3), 278-289.
- Johnson, B.F., Mushett, C.A., Richter, K., & Peacock, G. (2004). Sport for Athletes with Physical Disabilities: Injuries and Medical Issues – A Sports Training Manual, Decatur, GA, Blaze Sports America.
- Kleiber, D., & Hutchinson, S. (1999). Heroic masculinity in the recovery from spinal cord injury. *Talking bodies: Men's narratives of the body and sport*, 135-155.
- Mahl, E., Bruniera, C., Costa, L. (2014). Contribuições do esporte adaptado para a inserção social a das pessoas com deficiência. *EFdeportes, Revista Digital*, 19(194).
- Marques, M.P., & Samulski, D.M. (2009). Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 23(2), 103-119.
- Marques, R.F.R.; Duarte, E.; Gutierrez, G.L.; Almeida, J.J.G.; Miranda, T.J. (2009). Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. *Revista brasileira educação física e esporte*, 4, 365-77.
- Marthinus, J.M. (2007). Psychological effects of retirement on elite athletes. Tese de Doutorado. Sport Science, University of Stellenbosch, Cabo ocidental, África do Sul.
- Martin, J.J., & Mushett, C. (1996). Social support mechanisms among athletes with disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 13, 74-83.
- Mauerberg-deCastro, E., Campbell, D.F., Tavares, C.P. (2016). The global reality of the Paralympic Movement: Challenges and opportunities in disability sports. *Motriz*, 22(3), 111-123.
- Oliveira, R., Polidoro, D.J., Simões, A.C. (2003). Perspectivas de vida e transição de carreira de mulheres atletas de voleibol. In: Simões, A.C. (org). *Mulher & Esporte*. Barueri: Manole. 177-191.
- Palla, A.C. (1997). Atitudes em relação ao esporte: estudo comparativo entre atletas portadores de deficiências físicas e atletas não portadores de deficiências. Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP, Brasil.
- Park, S., Lavallee, D., & Tod, D. (2013). Athletes' career transition out of sport: a systematic review. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 6(1), 22-53.
- Power, P.W., Hershenson, D.B., & Schlossberg, N.K. (1985). Midlife transition and disability. *Rehabilitation Counselling Bulletin*, 6, 100- 111.
- Ristolainen, L., Kettunen, J.A., Kujala, U.M., & Heinonen, A. (2012). Sport injuries as the main cause of sport career termination among Finnish top-level athletes. *European Journal of Sport Science*, 12(3), 274-282.
- Smith, B., Bundon, A., & Best, M. (2016). Disability sport and activist identities: A qualitative study of narratives of activism among elite athletes' with impairment. *Psychology of sport and exercise*, 26, 139-148.
- Stambulova, N. (1997). Transitional Period of Russian Athletes Following Sports Career Termination. *Anais do 9º Congresso Mundial de Psicologia do Esporte*. Israel, 2, 658-660.
- Stambulova, N.V. (1994). Developmental sports career investigations in Russia: a post-perestroika analysis. *The Sport Psychologist*, 8(3), 221-237.
- Thomas, C.E., & Ermler, K.L. (1988). Institutional obligations in the athletic retirement process. *Quest*, 40(2), 137-150.
- Webborn, N., Emery, C. (2014). Descriptive Epidemiology of Paralympic Sports Injuries. *Paralympic Sports Medicine Sci*, 6, S18-S22.
- Weiler, R., Mechelen, W., Fuller, C., & Verhagen, E. (2016). Sport injuries sustained by athletes with disability: a systematic review. *Sports medicine*, 1-13.
- Wheeler, G.D., Malone, L.A., Van Vlack, S., Nelson, E.R., & Steadward, R.D. (1996). Retirement from disability sport: A pilot study. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 13, 382-399.
- Wheeler, G.D., Steadward, R.D., Legg, D., Hutzler, Y., Campbell, E., & Johnson, A. (1999). Personal investment in disability sport careers: An international study. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16(3), 219-237.
- Wylleman, P. (1999). The relevance of non-athletic in the development of the athletic career. *Proceedings do 10º Congresso Europeu de Psicologia do Esporte*. Praga, 2, 304-306.

#### NOTAS SOBRE OS AUTORES

##### ELIANE MAUERBERG-DECASTRO

Professora Adjunto, aposentada na Universidade Estadual Paulista, Unesp, Rio Claro.

E-mail: mauerber@rc.unesp.br

##### GABRIELLA ANDREETA FIGUEIREDO

Doutoranda em psicobiologia, Universidade de São Paulo - USP, Ribeirão Preto.

E-mail: gabi\_afigueiredo@yahoo.com.br

##### THAYNÁ CRISTINA PARSANEZI IASI

Mestranda em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Rio Claro.

E-mail: iasi\_bob@hotmail.com

##### TIAGO ANDRIES CORNELUS MOLENKAMP GELUK

Bacharelado em Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Rio Claro.

E-mail: tiago\_geluk@hotmail.com

##### LEANDRO BAGATINI

Mestrando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Rio Claro.

E-mail: smn\_leandro@hotmail.com

---

Manuscrito recebido em: 14 de dezembro de 2016

Manuscrito aprovado em: 03 de março de 2017